

Possíveis cidades pós-pandêmicas: covid-19 e a passagem da cidade modernista à cidade “não-moderna”

Possible post-pandemic cities: covid-19 and the passage from the modernist city to the “non-modern” city.

Rodrigo Agueda¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo: A pandemia do Covid-19 provocou uma virada nas produções científicas dos mais diversos campos. As suas consequências no âmbito social, especialmente quanto à sua relação com o meio urbano, levaram diversos pesquisadores a refletir sobre a condição da cidade na pandemia, assim como as possibilidades de pensá-la em um momento “pós-pandêmico”. Esse artigo tem como objetivo fazer uma breve reflexão sobre algumas dessas propostas, buscando analisar não só a viabilidade das mesmas em um contexto brasileiro, como também o tipo de cidade que se enquadraria nessas projeções. A partir de algumas reportagens e artigos, mostraremos como o que tem sido pensado para a cidade é uma continuação de um projeto focado em formas urbanas e configurações excludentes. Acreditamos que a falta de uma perspectiva que foque nas desigualdades não nos traz novidades, mas sim uma continuação das idealizações modernistas que nos guiam à uma cidade “não-moderna”.

Palavras-chave: coronavírus; cidade; urbano; modernismo.

Abstract: The Covid-19 pandemic caused a turning point in scientific production in the most diverse fields. Its social consequences, especially regarding its relationship with the urban environment, have led several researchers to reflect on the condition of the city in the pandemic, as well as the possibilities of thinking about it in a “post-pandemic” moment. This article aims to briefly reflect on some of these proposals, seeking to analyze not only their viability in a Brazilian context, but also the type of city that would fit into these projections. From some reports and articles, we will show how what has been thought for the city is a continuation of a project focused on exclusionary urban forms and configurations. We believe that the lack of a perspective that focuses on inequalities does not bring us innovations, but a continuation of the modernist idealizations that guide us towards a “non-modern” city.

Key words: coronavirus; city; urban; modernism.

Artigo recebido em 13/07/2020 e aceito em 14/12/2020.

INTRODUÇÃO

A deflagração da pandemia do Covid-19 levantou múltiplos questionamentos nas mais diversas esferas da vida social, como sabemos. O impacto imediato nas ciências da saúde, que estabeleceram uma rápida e pioneira onda de cooperação e produção no sentido tanto de conhecer o vírus como no sentido de combatê-lo, veio acompanhado de uma virada no foco das outras tantas ciências. A ciência política, na sua – talvez inocente – tentativa de explicar os divergentes caminhos tomados por chefes de estado, a antropologia que se viu na

necessidade de transformar campos físicos em virtuais¹, a geografia na urgência de pensar um momento dicotômico da globalização em que fluxos se restringem e relações se voltam ao escopo local, ao mesmo tempo em que as dimensões da crise mostram o resultado de uma “compressão espaço-tempo” nunca antes vista (MONTIEL, 2020), entre muitas outras. Os impactos sociais da pandemia criam um campo de análise incomensurável também para a sociologia, evidenciando estudos sobre redes (BRASIL JR e CARVALHO, 2020), pensando formas de mobilização social (GOMES, 2020), refletindo sobre o “distanciamento social” que é, na realidade, um distanciamento físico, aprofundando questionamentos sobre o significado da casa (ARAUJO, 2020; MOTTA, 2020), entre tantos outros. Dentre as inúmeras frentes de reflexão possíveis, das quais citamos apenas uma parte ínfima, nosso foco nesta breve análise gira em torno dos estudos urbanos e dos impactos da pandemia nas estruturas das cidades.

Em voga desde muito antes de imaginarmos que chegaríamos a mais de 13 milhões de casos e mais de 570 mil mortes decorrentes do novo coronavírus², a discussão sobre a cidade durante e pós a crise sanitária tem sido levantada por diversas frentes, de antropólogos e sociólogos à arquitetos, urbanistas e engenheiros. Evidente que surgiram disso inúmeras propostas de mudanças quanto à mobilidade, possibilidades de interação, novas formas e espaços de trabalho e planejamento urbano. Nosso objetivo, portanto, não se dá no sentido de se opor a elas, e nem mesmo de fornecer novas possibilidades, mas sim no sentido de refletir sobre elas, questionar seu caráter inovador e pensar sobre que cidades estão sendo construídas - materialmente e figurativamente - por elas.

CIDADE PANDÊMICA E CIDADE PÓS-PANDÊMICA

Assim como ocorreu com a gripe espanhola no início do século XX, mudanças no sentido de como se pensar a cidade e as construções ganham destaque com a chegada do Covid-19. Se a primeira influenciou na arquitetura modernista, trazendo a prioridade por espaços abertos com ampla ventilação, distanciamento de edifícios e maior abertura para a incidência de luz solar, a segunda reforça novas necessidades. Para além de frisar esses

¹O antropólogo Daniel Miller fez um vídeo tratando dessa mudança, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NSiTrYB-0so&feature=emb_title.

² Dados referentes à data em que escrevo (12/07/2020), de acordo com a plataforma www.worldometers.info/coronavirus

mesmos aspectos, o problema de circulação e contato nas grandes cidades ganha destaque. Medidas emergenciais de *lockdown* e *home office* seguidas de limitações nos transportes públicos e aglomerações, alertam para o pós-pandemia. O significado da casa tem sido posto em questionamento, já que a mesma passa a ter novos significados e a comportar novas relações. Favelas e prédios com grande concentração de pessoas têm aparecido – ainda mais - como ‘problema’. De forma mais geral, a ideia de “urbano” como o espaço de interações nas cidades, no sentido clássico de Simmel (2013[1903]) onde há heterogeneidade e uma multiplicidade de estímulos, vem sendo vista como nociva.

Essas inquietações motivam propostas de planejamento urbano e reorganização dos cotidianos nas grandes cidades. A adoção de *home office* e revezamento em grandes empresas, somada à reorganização dos escritórios, é uma delas. A substituição de ônibus por outros modais, como a bicicleta, levou Bogotá a criar 22 quilômetros de ciclovias temporárias (SALLUM, 2020), por exemplo. Uma matéria do Estadão apontou para a autossuficiência de bairros e menores deslocamentos para se chegar ao trabalho ou à escola como possíveis alternativas (WOLF e PEREIRA, 2020). No imaginário social, o repentino confinamento em casa gerou uma vontade por espaços de moradia maiores, que comportem funções que antes eram feitas fora. Limitações foram impostas aos locais públicos, como a demarcação em parques de Nova Iorque (WHITEMAN, 2020), as cercas de metal para a restrição de circulação na China (LI, 2020), a suspensão da “Paulista Aberta” em São Paulo (PARA..., 2020) e a proibição de atividades nas praias do Rio de Janeiro até a aparição de uma vacina (MAGALHÃES, 2020), e se mostram como opção para o futuro não só do coronavírus, mas das possíveis ameaças que ele nos faz atentar. A prefeita de Paris, Anne Hidalgo, propõe que sua cidade se torne uma “cidade de 15 minutos”, onde todas as atividades essenciais possam ser feitas a pé ou de bicicleta, algo parecido com as “vizinhanças de 20 minutos” de Portland e Melbourne. Sem a pretensão de oferecer alternativas melhores, cabe a nós refletir sobre a viabilidade desses processos em um contexto brasileiro, e que tipo de “cidade pós-pandêmica” estamos propondo com eles.

Nos parece óbvio o equívoco que são as afirmações – não pouco comuns – que tratam do vírus como “democrático”, por não escolher quem atinge. Não faltam pesquisas recentes para mostrar o caráter desigual do mesmo, e como os mais atingidos tem classe e tem cor (MORENOFF & WILEDEN, 2020; LEITE, 2020; SOARES, 2020). Especialmente no caso

do Brasil, onde o vírus foi trazido pelos mais ricos para atingir desproporcionalmente os mais pobres, assim como teve sua maior propagação nas grandes cidades para causar um maior estrago em outras regiões, que não tiveram estruturas prontas para enfrentá-lo. O dano que ele tem causado em comunidades indígenas é um grande exemplo (VICK, 2020), recordando-nos das doenças trazidas pelos colonizadores europeus no século XVI. Mas mesmo o que se aparenta óbvio deve ser questionado. Aliás, o que motiva o presente artigo é exatamente o fato da obviedade da desigualdade que circunda o vírus não se refletir nas propostas pensadas para as cidades quando ele “passar”.

Nísia Trindade Lima, presidente da Fiocruz, reflete sobre tal desigualdade ao dizer que, ao contrário do que muitos dizem, não estamos no mesmo barco. Talvez estejamos no mesmo mar e na mesma tempestade, mas uns estão em transatlânticos e iates enquanto outros estão em canoas. (LIMA, 2020 apud RIBEIRO, 2020). Acredito que, para as pessoas que estão perdendo parentes próximos ao mesmo tempo que perderam seu emprego e se aproximam do dia em que não haverá comida à mesa, talvez uma canoa não ilustre tão bem a dimensão dessa desigualdade. Seguindo na metáfora, de que adianta propor iates para se proteger da tempestade, enquanto a maioria não tiver acesso nem à canoa? De que adianta trazer a proposta de “cidade de 15 minutos” para o Rio de Janeiro, onde há tamanha discrepância de oferta e qualidade de serviços e infraestruturas entre bairros? Manter as pessoas em raios de 15 minutos seria acentuar um acesso já muito desigual à cidade. De que adianta chegar a conclusão de que o ideal seria que trabalhadores morassem mais perto de seus locais de trabalho, se uma integração de trem e metrô ou BRT e ônibus é a realidade de tantos? Quais residências no Brasil estão prontas para receber um *home office*? Algumas, o que nos leva ao próximo ponto. A cidade pós-pandemia que está sendo proposta, seria mesmo algo novo, ou apenas uma expansão do que já existe?

O Rio de Janeiro é um bom caso para se pensar essa última pergunta. O processo de urbanização carioca sempre se deu de forma dual: enquanto as classes trabalhadoras comandavam a expansão para a Zona Norte, as elites se expandiam pela Zona Sul, seguindo o caminho do mar. Em um primeiro momento buscando o afastamento do Centro em direção à Copacabana, e depois fugindo dessa última em direção à Barra da Tijuca, a urbanização que acompanhou as classes altas cariocas sempre se deu em oposição a algo negativo associado à cidade, em seu sentido de centro urbano. No primeiro momento em função do

saneamento e dos cortiços, no segundo em função do caos do não-planejamento e das favelas. Desde a década de 80, a busca por semelhantes, por segurança e tranquilidade já se apoiava em possibilidades de se viver onde a circulação é limitada, os espaços são amplos e o cotidiano é possível em um espaço fechado. Os grandes condomínios residenciais da Barra da Tijuca, pensados como “bairro planejados”, mas que comportam em si a autossuficiência de uma cidade, se encaixam perfeitamente nas propostas de cidade pós-pandemia, mesmo não sendo nenhuma novidade. O que vemos, então, é que as propostas acabam por apontar para um caminho não apenas de limitação de aglomerações e contatos, mas um caminho de segregação e potencialização das desigualdades.

O caráter essencialmente urbano da pandemia evidencia a relação entre a crise sanitária e uma crise de moradia, ambas muito anteriores à pandemia. O processo de auto-segregação e “encastelamento” que vinha ocorrendo no Brasil nas últimas décadas não era problematizado no grau que se deveria. Com a crise do Covid-19, esse processo ganha evidência, mas, muito mais do que gerar uma reflexão crítica sobre seu caráter negativo, ele tem sido colocado ao lado das propostas de solução. Ou será que a aversão aos centros urbanos, a proposta de evitar serviços de transporte público e de limitar as interações não condiz com a vida oferecida dentro dos condomínios residenciais privados do Brasil? Não cabe a nós, de forma alguma, se colocar contra as orientações das organizações e profissionais de saúde quanto às medidas a serem tomadas no futuro. Mas o que nos cabe é não deixar que tais medidas sejam impulsoras de uma sociedade ainda mais desigual. Porque, ao nosso ver, os ônibus privados dos condomínios que levam seus moradores até os locais de trabalho, somados aos mercados dentro da propriedade e oferta de espaços de trabalho no próprio prédio de moradia, ao mesmo tempo que condizem com as orientações, não são realidade para a maioria, nem agora e nem em um futuro próximo. São resultado de um desenvolvimento fundamentado em formas urbanas excludentes e elitistas. É imprescindível que haja cautela quanto a isso.

DO MODERNISMO AO “NÃO-MODERNO”

As “cidades” modernistas, da Chandigarh de Le Corbusier à Brasília e Barra da Tijuca de Lúcio Costa, guiadas pelos impulsos de ordem e racionalidade na organização do espaço urbano, puderam ser organizadas “do zero”, ou seja, a partir de planejamentos. Isso permitiu

que esses exemplos citados trouxessem de forma clara muitos dos ideais desse movimento, sem maiores barreiras. Foram, principalmente os casos brasileiros, como laboratórios de experimentação, como trouxe Gorelik (2005 apud BALTHAZAR, 2020), que já contavam com a separação entre pedestres e veículos, aspectos de cidade pré-moderna e um imaginário de modernização e progresso (REZENDE e LEITÃO, 2003). Essas mesmas “cidades” já traziam as preocupações resultantes da gripe espanhola, a influência da figura do urbanista e utopias de cidades mais civilizadas. Os resultados, no entanto, foram espaços cada vez mais segregados e desiguais, visíveis seja na comparação entre Brasília e Ceilândia (DF) ou entre Barra da Tijuca e Cidade de Deus (RJ). São exemplos de uma nova etapa na produção das cidades brasileiras que, mesmo contando com diversos fatores para o seu sucesso, não deixou de reproduzir condições desiguais no espaço urbano.

Teresa Caldeira (2000) afirma que nos tornamos uma sociedade “não moderna”. Os condomínios privados, assim como os múltiplos mecanismos de privação do espaço público e de propagação dos espaços privados como locais de encontro, descontroem as características simmelianas da cidade moderna. Ela é também uma cidade “não-democrática” (Idem), onde a heterogeneidade é evitada e o uso da cidade é cada vez mais segregado. E essa mesma cidade dos enclaves, da forma urbana condomínio como principal motor da urbanização, é a cidade com espaços autossuficientes, com o trabalho próximo da moradia, com a redução de aglomerações e interações urbanas. Mas não para todos. O discurso - presente em muitas *lives* e eventos acadêmicos virtuais que discutem o pós-pandemia – que advoga pela possibilidade de uma volta à cidade pré-moderna e de um processo de encastelamento, de uma aversão aos centros urbanos e um romantizado retorno ao campo, é o mesmo presente nos anúncios de condomínios que estampavam os jornais desde o final do século passado. E não é necessário trabalharmos com suposições sobre o futuro, já que a reação de grande parte das elites nas maiores cidades do mundo ao Covid já foi de fugir para o campo. Em Paris, mais de um milhão de pessoas deixaram a cidade (TIDMAN, 2020). Em Nova Iorque, em dois meses foram mais de quatrocentos e vinte mil saindo (PAYBARAH, BLOCH e REINHARD, 2020), com um maior esvaziamento nos bairros mais ricos (QUEALY, 2020). Mas isso não é tanto uma novidade quanto um exagero de um processo antigo. No mundo inteiro, as classes altas têm a possibilidade de “fugir” dos aspectos negativos da cidade, não é de hoje. Basta lembrar os anúncios que Caldeira analisa em São

Paulo, ou até mesmo as logomarcas de grandes condomínios da Barra da Tijuca, como o Novo Leblon e Nova Ipanema, que trazem imagens de coqueiros, praias e sol na tentativa de contrastar com a cada vez mais urbanizada Zona Sul carioca. Tudo isso para insistir que o tipo de cidade que está sendo pensada não é novidade, é mais do mesmo.

Pensar a cidade “pós-pandemia” se tornou uma necessidade devido aos impactos imediatos e vastos do novo coronavírus. Mas pensar a cidade que queremos deveria levar em consideração também os impactos da cidade que já tínhamos. Considerar que nossas cidades não estão prontas para os vírus que virão não deve prevalecer sobre a consideração que elas já não estavam prontas para oferecer vidas dignas para todos, muitos antes do Covid. O consenso existente de que a atual crise econômica, social e sanitária coloca em evidência as desigualdades não tem produzido soluções que levem tais desigualdades como ponto de referência. A crise põe em xeque uma crise do modelo de desenvolvimento urbano neoliberal, e isso deve vir como prioridade nas propostas de futuro. Pensar cidades prontas para enfrentar novas doenças não deve contribuir para criar cidades ainda mais excludentes. Pensar novas formas urbanas e modelos de planejamento que não gerem concentrações, não pode ignorar as estruturas fundiárias existentes da terra urbana. O problema de super-ocupação de imóveis nas favelas não deve prevalecer sobre o problema de sub-ocupação de imóveis, seja como moradia das elites ou como especulação. Deve-se lembrar que para os quase 7 milhões de habitantes sem moradia no Brasil, existem pelo menos 6 milhões de imóveis vazios. Antes de pensarmos caminhos para a construção civil, devemos refletir sobre a função social do solo urbano. Os impulsos que nos levam a pensar a cidade “pós-pandêmica” devem ser acompanhados de disputas políticas por uma nova ordem urbana. Sem tomar tais providências, estaríamos continuado o caminho – que está longe de ser sinônimo de progresso – das cidades modernistas para as cidades “não-modernas” e cada vez mais desiguais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcella. “A casa como problema e os problemas das casas durante a pandemia do Covid-19”. **Dilemas, Revista de Estudos do Conflito e Controle Social**, Reflexões na Pandemia 2020, pp. 1-9, 2020.

BALTHAZAR, Ana Carolina. “O tempo da Barra da Tijuca: Concepções de passado, presente e futuro na narrativa midiática sobre o bairro”. **Dilemas, Revista de Estudos do Conflito e Controle Social**, vol. 13, n.1, pp. 77-94, 2020.

BRASIL JR, Antonio; CARVALHO, Lucas. “A sociedade contra o acaso: teoria de redes e a pandemia do novo coronavírus”. **BVPS - Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social**, Pandemia, Cultura e Sociedade, 15/05/2020. Disponível em: https://blogbvps.wordpress.com/2020/05/15/a-sociedade-contra-o-acaso-teoria-de-redes-e-a-pandemia-do-novo-coronavirus-por-antonio-brasil-jr-e-lucas-carvalho/#_edn1. Acessado em: 12/07/2020.

CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de Muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

GOMES, Simone. “Hipóteses sobre movimentos e ativismos em tempos da pandemia de Covid-19”. **Dilemas, Revista de Estudos do Conflito e Controle Social**, Reflexões na Pandemia 2020, pp. 1-9, 2020.

GORELIK, Adrián. “A produção da ‘cidade latino-americana’”. **Tempo Social**, v. 17, n.1, pp. 111-133, 2005.

HIGHER rates of severe COVID-19 in BAME populations remain unexplained. **Queen Mary University of London**, 19 de junho, 2020. Disponível em: <https://www.qmul.ac.uk/media/news/2020/smd/higher-rates-of-severe-covid-19-in-bame-populations-remain-unexplained.html> . Acessado em: 12/07/2020.

LEITE, Márcia Pereira. “Biopolítica da precariedade em tempos de pandemia”. **Dilemas, Revista de Estudos do Conflito e Controle Social**, Reflexões na Pandemia 2020, pp. 1-16, 2020.

LI, Cao. “A ‘Blue Great Wall’ divides a city as it battles the coronavirus”. **The New York Times**, 4 de março, 2020. Disponível em: https://www.nytimes.com/2020/03/04/business/coronavirus-china-tianjin-response.html?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br . Acessado em: 12/07/2020.

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. “Crivella diz que só libera praias do Rio após vacina e vai multar quem estiver na areia sem máscara”. **O Globo**, 9 de julho, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/crivella-diz-que-so-libera-praias-do-rio-apos-vacina-vai-multar-quem-estiver-na-areia-sem-mascara-1-24523620> . Acessado em: 12/07/2020.

MONTIEL, Paty. “Desglobalização ou globalização diferente?”. **Boletim IPPUR**, n. 27, 2020. Disponível em: <http://ippur.ufrj.br/index.php/pt-br/noticias/outros-eventos/823-desglobalizacao-ou-globalizacao-diferente> . Acessado em 12/07/2020.

MORENOFF, Jeffrey; WILEDEN, Lydia. “Detroit survey shows coronavirus crisis threatens to widen inequality”. **Bridge**, Opinion, 26/04/2020. Disponível em:

<https://www.bridgemi.com/guest-commentary/opinion-detroit-survey-shows-coronavirus-crisis-threatens-widen-inequality>. Acessado em: 12/07/2020.

MOTTA, Eugênia. “Ambiguidades domésticas e a pandemia”. **Dilemas, Revista de Estudos do Conflito e Controle Social**, Reflexões na Pandemia 2020, pp. 1-6, 2020.

PAYBARAH, Azi; BLOCH, Matthew; REINHARD, Scott. “Where new yorkers moved to scape coronavirus”. *The New York Times*, 17 de maio, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/05/16/nyregion/nyc-coronavirus-moving-leaving.html> . Acessado em: 12/07/2020.

PARA conter coronavírus, Paulista Aberta é suspensa neste domingo. **Estadão de S. Paulo**, 14 de março, 2020. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,para-conter-coronavirus-paulista-aberta-e-suspensa-neste-domingo,70003233089> . Acessado em: 12/07/2020.

QUEALY, Kevin. “The Richest Neighborhoods Emptied Out Most as Coronavirus Hit New York City”. **The New York Times**, 15 de maio, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2020/05/15/upshot/who-left-new-york-coronavirus.html?action=click&module=Editors%20Picks&pgtype=Homepage> . Acessado em: 12/07/2020.

REZENDE, Vera; LEITÃO, Gerônimo. Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá, avaliação dos ideais modernistas após três décadas. In: **Anais do 5º Seminário Docomomo Brasil**. Universidade de São Carlos, 2003.

RIBEIRO, Eduardo. “A pandemia não é a mesma para todos” diz a presidente da Fiocruz”. **Ecoa**, 06 de julho, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/06/a-pandemia-nao-e-a-mesma-para-todos-diz-a-presidente-da-fiocruz.htm> . Acessado em: 12/07/2020.

SALLUM, Erika. “Bogotá amplia ciclovias contra a pandemia; México estuda fazer o mesmo”. **Folha de S. Paulo**, 20 março, 2020. Disponível em: <https://ciclocosmo.blogfolha.uol.com.br/2020/03/20/bogota-amplia-ciclovias-contra-a-pandemia-mexico-estuda-fazer-o-mesmo/> . Acessado em: 12/07/2020.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: BOTELHO, André. **Essencial Sociologia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013 [1903].

SOARES, Marcelo. “Dados do SUS revelam vítima-padrão de Covid-19 no Brasil: Homem, pobre e negro”. **Época**, 3 de julho, 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/dados-do-sus-revelam-vitima-padrao-de-covid-19-no-brasil-homem-pobre-negro-24513414> . Acessado em: 12/07/2020.

TIDMAN, Zoe. “Coronavirus: More than one million people fled Paris area as lockdown began, phone data suggests”. **Independent**, 27 de março, 2020. Disponível em:

<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/coronavirus-paris-france-lockdown-one-million-orange-phone-data-a9429896.html> . Acessado em: 12/07/2020.

VICK, Mariana. “Como o coronavírus afeta populações indígenas no Brasil”. **Nexo**, 23 de março, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/23/Como-o-coronav%C3%ADrus-afeta-popula%C3%A7%C3%B5es-ind%C3%ADgenas-no-Brasil> . Acessado em: 12/07/2020.

WHITEMAN, Hilary. “Domino Park circles keep New York City sunbathers in check”. **CNN**, 19 maio, 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/domino-park-new-york-city-circles-social-distancing/index.html> . Acessado em: 12/07/2020.

WOLF, Giovanna; PEREIRA, Pablo. “Como serão as cidades no pós-pandemia”. **Estadão de S. Paulo**, 14 junho, 2020. Disponível em: https://www.estadao.com.br/infograficos/saude.como-serao-as-cidades-no-pos-pandemia,1100189?fbclid=IwAR1-cHS5PIrHg9HafblwA8lADv4ynvHzYDB-V-5l56ldk-tFm17rKHk_7pw . Acessado em: 12/07/2020.